

ENSAIOS DO ASSOMBRO

ENSAIOS DO ASSOMBRO

Peter Pál Pelbart

© n-1 edições, 2019

ISBN 978-856-694-384-9

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart

e Ricardo Muniz Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Inês Mendonça

PREPARAÇÃO Clarissa Melo

REVISÃO Pedro Taam

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

1ª edição | Maio, 2019

n-1edicoes.org

Peter Pál Pelbart

**ENSAIOS DO
ASSOMBRO**

M-1
edições

Para Mariana

GUERRA É SEMPRE

“O ditador totalitário não consegue deixar de se sonhar como Zeus trovejante, fulminando à distância a seu bel-prazer qualquer espírito indomável. Ele não pode tolerar sequer a sombra da ideia de que possa subsistir algum homem, um único homem, capaz de escapar à universal alienação mental. Está em jogo o triunfo incondicional do irreal, portanto, a capitulação incondicional de toda inteligência e sua descida de círculo em círculo até este último degrau dos abismos, no qual são repetidas sem fim, com rangidos das engrenagens, fórmulas para sempre imutáveis da possessão.”¹

Armand Robin

O autor deste livro não conseguiu, até o dia de sua publicação, livrar-se da sensação de que escrevia tendo ao fundo um rumor de batalha. De fato, o Brasil dos últimos anos transformou-se em um campo de batalha a céu aberto. Apesar da perturbação cotidiana e da insônia daí decorrentes, nunca deixei de suspeitar que, ao ouvir as notícias, eu era vítima de uma espécie de alucinação auditiva.

Antes de finalizar o manuscrito, fui apresentado por Stella Senra aos textos de Armand Robin, de quem extrai a epígrafe acima. Na leitura de suas páginas extraordinárias sobre a propaganda radiofônica estalinista que, segundo o

¹ Armand Robin, *La fausse parole suivie de Outre-Ecoute 1955*. Paris: Plein Chant, 1979, p. 60. [Versão brasileira em preparação organizada, traduzida e prefaciada por Stella Senra, no prelo da n-1 edições.]

poeta, também beirava a alucinação auditiva, e que se aplicam perfeitamente ao neofascismo atual, fui tomado por reminiscências pessoais ou históricas, na maioria colhidas de relatos familiares.

Poucos meses depois de meu nascimento, Budapeste foi palco de combates de rua violentos, em que a resistência contra a invasão soviética deixou um saldo de 20 mil mortos. Era o fim da “Primavera Húngara”. A Segunda Guerra Mundial, concluída anos antes com o extermínio de 400 mil judeus húngaros, também sempre povoou a memória familiar, assim como as deportações, os campos, os esconderijos, a liberação da Hungria pelas tropas soviéticas e o júbilo subsequente. Assim como a construção de um novo mundo, o idealismo juvenil dos pais comunistas, a guinada política autoritária, a escalada de terror, a prisão de companheiros de luta e as confissões de alta traição à pátria socialista obtidas sob severa tortura.

Eu não poderia passar incólume por essa memória, por assim dizer, hereditária. Quase nada disso vivi na própria pele e, no entanto, tudo isso estive e continua presente em mim como um passado que não passa, como um duplo que me acompanha. Sobretudo nos últimos anos, quando a atualidade pareceu reavivá-lo, para não dizer ressuscitá-lo, com outros protagonistas e uma nova paisagem. Não é prerrogativa de ninguém, claro! Qualquer indígena, afrodescendente ou morador(a) das periferias brasileiras traz no corpo e na memória marcas de hecatombes não menos dolorosas – é o mínimo que se pode dizer.

No livro *A trégua*, Primo Levi conta o seguinte episódio. Fim da guerra, quando voltava para casa saído de Auschwitz, discute com um sobrevivente grego sobre o que importa mais durante a guerra, sapatos ou comida. O grego argumenta que

sapatos, pois “quem tem sapatos pode ir em busca de comida, ao passo que o inverso não funciona”. Mas a guerra já terminou, retruca Levi, ao que o interlocutor lhe responde: “Guerra é sempre.”

Eis uma notícia que não para de chegar. Por óbvia que pareça, não é todo dia que ela se escancara à luz do dia. Quando o passado crava suas garras sobre o dorso do presente, como nos últimos anos, não há como negá-lo: somos tomados de assalto pela evidência ancestral como se ela ferisse nossa mais elementar crença no mundo.

É deste assombro que nasceu o presente livro.

13	PRÓLOGO
23	ESTRATÉGIAS VITAIS

GUERRA E LUTA

57	1. “Eu trago a guerra” (Nietzsche)
63	2. É a política a continuação da guerra por outros meios? (Foucault)
73	3. O capitalismo e a guerra civil ilimitada (Alliez & Lazzarato)
85	4. A máquina de guerra contra a guerra (Deleuze & Guattari)
92	5. PlayStation e necroética (Chamayou & Weizman)
99	6. Cólera e alegria (Comitê Invisível)

IMAGINAÇÃO POLÍTICA

111	7. “Anota aí, eu sou ninguém” (Jornadas de Junho)
122	8. Entrevista com Foucault sobre a cátedra da PUC-SP
125	9. Por que um golpe atrás do outro? Ensaio sobre a Assombração Nacional
144	10. Adendo sobre a utopia oswaldiana

BIOPOLÍTICA, NECROPOLÍTICA, SUBJETIVIDADE

- 149 11. Revolta e subjetividade
150 12. “Depois do sujeito, quem vem?”
157 13. Dessubjetivação nomádica, subjetivação herética
162 14. Necropolítica nos trópicos
168 15. Negros, judeus, palestinos – Do monopólio do sofrimento
180 16. Filosofia e nazismo
190 17. Fragmentos de um pesadelo em curso

ARTE, FORMAS-DE-VIDA, VIDAS SEM FORMA

- 209 18. Da performance como liturgia (Marina Abramović)
220 19. Cartografia da danação urbana (Virginia de Medeiros)
233 20. *Gólgota Picnic*, ou Sobre a teologia da destruição
(Rodrigo García)
245 21. Zoopoética (Renata Huber)
253 22. Nada é (Yuri Firmeza)
258 23. Mudar o valor das coisas (Hélio Oiticica)
278 24. Sopro e vibração (Antonin Artaud)

285 Homenagem – Ele era um desertor

291 **REFERÊNCIAS DOS TEXTOS**

299 **SOBRE O AUTOR**



PRÓLOGO

“Viver a vida como uma iniciação. Mas a quê? Não a uma doutrina, porém à vida mesma e à sua ausência de mistério.”¹ É com esses termos que Giorgio Agamben involuntariamente crava uma consigna órfica no coração de nosso presente biopolítico. Porém o que é isso, hoje, a “vida mesma”? Será a vida própria de cada um(a), tal como lhe aparece em sua existência individual e privada? Ou é a vida “ela mesma”, independente de quem a vive ou como a enuncia? Mas como poderia, em nosso contexto, a vida ser pensada sem a inflexão que lhe imprime cada qual que a vive e a expressa, seja um indivíduo ou um coletivo? Se para nós a vida é indissociável do modo em que é vivida, reformulemos a pergunta: como evitar que a maneira pela qual a vida se vê infletida (se “subjéitiva”, diríamos hoje) corresponda a uma privatização do tipo “a *minha* vida”, o que facilmente desemboca na desqualificação da vida de outrem? Seria possível pensar uma vida “não apropriável”, mas suscetível de ser “subjéтивada”? Como apreendê-la enquanto “inapropriável” e ao mesmo tempo “singular”? Eis um primeiro desafio que atravessa este livro.

Cada vez, no entanto, parece mais difícil conceber o “inapropriável” em um contexto em que tudo – da terra ao ar, dos minerais aos planetas, dos genes às ideias – torna-se propriedade, mercadoria, matéria vendável, valor de troca. Como sustentar tal aposta na “inapropriabilidade” da vida quando todos tratam justamente de apropriar-se dela, fazendo crer que dela estão cuidando e que cada vivente a desfruta livremente? Não haveria por trás dessa ilusão fabricada, de

1 Giorgio Agamben e Monica Ferrando, *La muchacha indecible: Mito y misterio de Kore*. Madrid: Sexto Piso, 2014, p. 53.

cuidado e liberdade, uma crescente redução da vida à sua dimensão manipulável, vendável, objetificável? Os que defendem sua sacralidade não raro desembocam em algum fundamentalismo, se não mercadológico, religioso. Assim, dos psicofármacos à geopolítica nuclear, da gestão religiosa ou moral da sexualidade até as políticas xenófobas em relação aos imigrantes, parece que sempre e em cada situação, sob pretexto de protegê-la, otimizá-la, expandi-la, mais e mais uma espécie de pacto mefistofélico vai se impondo: em troca do “empoderamento” de uns, sacrifica-se a vida dos outros (pobres, negros, índios, subalternos, a floresta, a fauna, a terra). Ou ainda, em troca do domínio absoluto, se vende ao diabo a própria alma e o próprio corpo – isto é, as próprias condições da existência sobre a terra.

No limite, não se pode falar hoje da *vida* em geral sem certo assombro, pois é preciso partir das vidas que supostamente merecem viver e das que são condenadas a perecer segundo uma repartição variável, conforme o contexto e suas determinações biopolíticas. O traçado dessa fronteira entre quem deve viver ou morrer talvez seja a fonte maior de embate hoje em dia, dos imigrantes africanos arriscando-se para chegar à Europa até a execução de lideranças comunitárias que despontam em nossas periferias. Que o avesso de uma política que “investe” a vida (biopolítica) seja ao mesmo tempo uma política que “extermina” a vida (tanatopolítica), Foucault o mostrou há décadas a partir do exemplo extremo do nazismo, que se via no direito de decidir quais populações eram dignas de habitar a terra e quais não o eram. Estamos ainda no rastro dessa descoberta, ou à sombra desse paradigma. Já o fato de que a tanatopolítica tenha recebido mais recentemente, por Achille Mbembe, o nome de necropolítica, apenas confirma, a partir do continente mais espoliado ou esquecido do globo,

que tal lógica não foi episódica, mas é sistêmica e se expande em nosso presente.

Em todo caso, permanece a pergunta sobre o estatuto político da vida nos dias atuais. A vida de ser vivente, eis a matéria “nova” que o pensamento de Foucault trouxe para o centro do debate, e com a qual os movimentos contestatórios das últimas décadas tiveram que se haver. Como escreveu o filósofo: “Durante milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente.”² Se não terminamos de desdobrar as consequências dessa virada biopolítica, ao menos uma de suas implicações se impõe como uma evidência: somos forçados a pensar conjuntamente *vida, subjetividade, política*. Que o acento por vezes seja mais militante, ou bem poético, filosófico, ecológico, antropológico, significa apenas que são múltiplas as maneiras pelas quais a questão pede para ser abordada.

Nesse contexto, colocou-se a nós, entre outros, o desafio de abordar a subjetividade enquanto interface entre o poder e a vida, seja como subjetivação, seja como dessubjetivação.³ Quais vidas se subjetivam, quais se dessubjetivam, quando, como e por quê? E que efeitos tem cada uma dessas inflexões a cada momento? De submissão ou de liberação? É onde os termos vida, subjetividade e política perdem seu aspecto genérico ou abstrato, pois remetem a maneiras precisas de *colocar-se* ou *desaparecer* (nem sempre a primeira solução é

2 Michel Foucault, *História da sexualidade I: A vontade de saber*, trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Graal, 1977, p. 134.

3 Devemos a Muriel Combes essa intuição, em seu belo livro *La vie inséparée*.

mais liberadora – quantas vidas precisam da clandestinidade para sobreviver?), *vari*ar ou *persistir*, *expandir-se* ou *contrair-se* – distintas estratégias vitais. Seria preciso, certamente, uma intimidade maior com o reino animal e vegetal, para nem mencionar o domínio antropológico, a fim de que tal amostragem não fosse conduzida pela rédea antropocêntrica.

Nessa coletânea priorizamos indícios extraídos de nosso contexto, local e global, em todo caso específico, e que abarcam, por razões humanas, demasiado humanas, sobretudo os últimos anos, a partir da eclosão multitudinária de 2013, um evento cuja importância não se pode subestimar e que, a meu ver, talvez de modo abusivo, poderia ser associado a uma tentativa do que Nietzsche chamou de transvaloração de todos os valores.

Significa dizer que uma movimentação de placas tectônicas estava em curso, nem sempre visível a olho nu, em domínios os mais diversos, pondo em xeque as hierarquias tradicionais de raça, gênero, família, espécies, saberes, modos de relação com o tempo, a memória, o corpo, a terra, o invisível – a lista é imensa – e que a eleição do candidato fascista tentou frear. Mas parece que, apesar da conjuntura política sinistra, parte disso que sofreu tamanho deslocamento não tem volta. Talvez seja precisamente a constatação do caráter irreversível desse movimento que tenha suscitado as crispações mais reativas e assombrosas. Em todo caso, novos modos de persistência e resistência aparecem, com laivos de êxodo ou desconexão, desmontagem e destituição, revelando linhas de força e de fuga antes desconhecidas. É o que a seção “Imaginação política” traz à tona, de maneira polêmica, já que foram textos redigidos no calor dos acontecimentos, de junho de 2013 até o golpe institucional de 2016 e seus desdobramentos. Por mais que a reação política, midiática, jurídica tenha tentado calar

ou esmagar tais manifestações dissidentes, culminando na virada fascista, elas perfazem um ciclo e deixam no ar inúmeros signos e vestígios a serem revisitados. Os protagonistas que carregam tais marcas sabem que elas são suscetíveis de serem retomadas ou reativadas se e quando a ocasião se oferecer. Não se deveria, portanto, desmerecer o valor de tais testemunhos tomados como que “ao vivo”, nem aquilo que, apesar de efêmero, eles nos legam ou nos dão a pensar.

Devo agregar uma circunstância que se entrelaça com a elaboração desses textos. Trata-se da própria editora em que este livro é agora publicado, fundada em 2011 por iniciativa do autor destas linhas e dois sócios (hoje apenas um), chamada n-1 edições. Penso que algumas de nossas publicações nos últimos anos tocaram problemáticas candentes, na sua maioria tratadas, até então, a partir de perspectivas desbotadas ou francamente caducas. Não consigo desvincular a elaboração dos textos que o leitor tem em mãos dessa antenagem a que me obrigou a função até então para mim de todo desconhecida – a saber, a de editor – e das reviravoltas que tais leituras me proporcionaram. Percebi que uma editora pode ser uma máquina de guerra, na sua escala diminuta, ao fazer circular perspectivas, energias, sensibilidades que vão no contrafluxo da claustrofobia reinante. Ao enlaçar-se a movimentos muito concretos, também fortalece novos protagonistas ou aspirações, servindo-lhes de inspiração ou instrumento nos embates em curso e por vir.



Mas é hora de relançar o jogo: qual é mesmo a questão central deste livro? Talvez seja formulável como um paradoxo. Da publicidade às políticas de Estado, da transformação de tudo em mercadoria, rendimento, estatística, produtividade, até a

estilização da existência em clichês descartáveis, a cada dia fica mais evidente uma tomada de assalto da existência na sua mais íntima ou pública dimensão, corporal e anímica, libidinal e artística. Mas proporcionalmente cresce a dificuldade de enunciar o que nos foi sequestrado. O “nos” é apenas uma maneira genérica de falar, pois seria preciso esmiuçar como cada classe, grupo, etnia, categoria, prática, sensibilidade, esfera do vivo se encontra mergulhado em dispositivos e mecanismos que reiteram hierarquias, exclusões, invisibilizações, extermínios. Parece cada vez mais difícil designar o grau de sequestro, extorsão, extração, predação, apropriação, vampirização da existência coletiva e individual – ou disso que chamamos, também por comodidade, de vitalidade. Daí nosso assombro.

Sabemos que o vitalismo é um termo problemático. Alguns o associam às correntes mais suspeitas, do ponto de vista filosófico, ideológico ou político, pois veem no nazismo um herdeiro que justamente abusou da defesa da vida ou da vitalidade, quando não lhe sequestrou o conteúdo. Mas o culto da força e da vitória, da hierarquia e do comando, da pureza da raça, da sacralidade da terra, da propriedade ou do Estado defende *uma* forma de vida exclusiva e excludente. É nas antípodas disso que seria preciso tornar a ouvir o termo *vida*. Para ficarmos em uma formulação feliz de Lapoujade: não permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força, porém ter a força de estar à altura da própria fraqueza. A vida assim concebida é justamente aquela que “escapa” à modulação biopolítica e, eventualmente, à tanatopolítica que lhe é correlata. Para retomar termos já conhecidos, décadas mais tarde, trata-se ainda e sempre de uma vida não fascista.

Mas, então, do que falamos quando nos referimos à “vida mesma”, ou a uma “vida não fascista”, ao fazer ressoar o órfico grego e o metamórfico contemporâneo? Claro, não se

trata do culto da inviolabilidade da vida individual, pessoal, privada, porém da linha transversal que perpassa o indivíduo e o coletivo, bem como os ziguezagues da história, e que em cada acontecimento dobra-se à sua maneira.

Considere-se a linha do vivente que atravessa animais, homens e deuses no rito órfico, ou a linha da animalidade que atravessa o animal, o homem e o além-do-homem em Nietzsche.⁴ Não será algo dessa ordem que se enuncia no últimíssimo texto de Deleuze, intitulado justamente “Imanência: uma vida”? Como tentamos mostrá-lo alhures, *uma vida* é todo o contrário do que Agamben entende por *vida nua*, pois a vida reduzida a seu estado de *atualidade* biológica (zoé, mera vida, vida nua, vida sem forma) nada tem a ver com a vida pensada na sua *virtualidade*, apta, portanto, a atualizar-se em formas diversas, justamente por não estar presa a *uma* forma-de-vida. O que nos importa é esticar tal fio em direções muito distintas. Que vitalismo e (des)subjetivação possam indicar direções (bio)políticas e (cosmo)políticas muito diversas, conforme as diferentes formas-de-vida em guerra, eis um segundo vetor que atravessa alguns textos aqui reunidos. “Chamamos *pensamento* o que converte a forma-de-vida em *força*, em efetividade sensível. Em cada situação se apresenta uma linha distinta de todas as outras, uma linha *de crescimento de potência*. O pensamento é a aptidão para distinguir e seguir essa linha. O fato de que uma forma-de-vida só possa ser assumida seguindo essa linha de crescimento de potência carrega esta consequência: *todo pensamento é estratégico*.”⁵

4 Vanessa Lemm, *Nietzsche's Animal Philosophy*. New York: Fordham University Press, 2009.

5 Tiqqun, *Contribuição para a guerra em curso*, trad. Vinícius Honesko. São Paulo: n-1 edições, 2019.



Duas palavrinhas sobre a organização deste livro.

Em um contexto de índole profascista, tanto no Brasil como no mundo, pareceu-me incontornável primeiramente falar da guerra, da luta, do combate, tratando de apreender o *modus operandi* do que nos é proposto hoje no sequestro da vitalidade social. Depois dessa análise, o desafio consistia em pensar para alguém ou além da própria guerra, recusando o tabuleiro que ela nos impõe – ao instalar-se nele ou ao utilizar suas peças, teremos sido derrotados de antemão.

Em seguida, quisemos mostrar, na modesta escala que é a nossa, algumas intervenções precisas, localizadas, situadas, que, em uma linguagem provocativa, nos últimos anos fomos levados a escrever, ler ou publicar. Foi um período de grande tensão, instabilidade, recheado de golpes e sobressaltos, que, no entanto, deram a ver as rachaduras em nosso arranjo político, bem como as movimentações insurgentes em curso.

Na terceira seção, quisemos problematizar de maneira mais explícita as relações entre necropolítica, biopolítica e subjetividade, inspirados por um leque de autores cujas diferenças não impedem que ressoem entre si, dando a ver mais agudamente o contorno do que nos espera.

E, na última seção, alguns problemas em que se entrelaçam vida, dessubjetivação e novas gestualidades políticas parecem “animar-se”, ganhando cores e densidade a partir de práticas estéticas diversas. Não que eu possua qualquer competência na matéria, porém, instado a escrever sobre alguns trabalhos específicos, fui levado a avaliá-los a partir desse conjunto de perspectivas, o que, em um efeito bumerangue, ajudou a iluminá-lo. Foi aí, como que transversalmente a matérias estranhas a mim, que brotaram mais algumas intuições, ainda embrionárias.

Por fim, considereei apropriado redigir uma abertura a respeito das *estratégias vitais*, em que arrisco algumas direções que atravessam o conjunto.

Como salientei, a quase totalidade dos textos incluídos nesta coletânea foi redigida depois de 2013 – e, portanto, sob o seu signo, consciente ou inconscientemente. Com isso, é todo um horizonte que veio à tona – o estatuto da revolta, da insurreição, do intempestivo e, sobretudo, como tal evento provoca uma ruptura na percepção coletiva e individual, remodelando-a. Deleuze tinha razão quando notava que a política é uma questão de percepção – não atentamos o suficiente para essa dimensão: como percebemos, o que percebemos, o que fazemos perceber... todo um campo de visibilidade a ser trabalhado que a escrita roça e com a qual ela se entrelaça, desde que o faça a partir de um plano intensivo. Só assim pode ela detectar aquilo que machucava tanto Pasolini: o fascismo verdadeiro, aquele que penetra nas almas, nos corpos, nos gestos, na linguagem, e cujos sinais hoje se multiplicam.⁶

Quanto à necessidade de um livro, nesse preciso momento, ela é sempre duvidosa. Foi Kafka quem teve a melhor definição do que esperar de um livro – ou melhor, do efeito de deslocamento sem o qual sua leitura torna-se supérflua: “Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve? (...) Mas nós precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos

6 Pier Paolo Pasolini, *Saggi sulla politica e sulla società*, ed. W. Siti e S. De Laude. Milão: Arnoldo Mondadori, pp. 119, 261.

mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós”.⁷

⁷ Franz Kafka, carta a Oskar Pollak, 1904.